JORNAL DE BRASÍLIA

24.05.1988
P. 3

"Voto com a consciência"

O presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, admitiu ontem que existe predominância favorável ao mandato de cinco anos para o presidente Sarney, tema, que segundo ele, poderá ser votado em plenário ainda na quinta-feira. Ulysses lembrou, entretanto, que a Constituinte está sujeito a surpresas e considerou que o quadro econômico e político atual não favorece a tese dos cinco anos. "Há propostas feitas pelo Governo e vamos verificar so resultados, mas a situação o quanto a inflação e ao desemprego é preocupante", alertou.

"Eu entendo que a situação econômico-financeiro do País é difícil", disse Ulysses, abstendo-se, no entanto, de apresentar opiniões pessoais quanto ao resultado da votação do mandato do Presidente. "As minhas opiniões sobre assuntos fundamentais são conhecidas, mas vou coordenar a votação com toda a isenção", afirmou, criticando as pesquisas feitas em plenário. O presidente da Constituinte negou que a tendência cincoanistas poderia influenciar parlamentares ligados a ele. "Não sou de nenhuma empresa de investigação ou de verificação de opiniões de deputados e senadores", disse, acrescentando que "cada um vota com sua conciência".

Presidente define estratégia

O presidente José Sarney acertou ontem com seu "conselho político" — formado por ministros e pelas lideranças do Governo na Câmara e no Senado — os últimos detalhes para garantir a vitória dos cinco anos na definição do seu mandato, pela Assembléia Nacional Constituinte.

Ele, que se encontrara de manhã com os líderes políticos, no Palácio da Alvorada, e à tarde reuniu-se, no Planalto, com seus ministros e as lideranças do Governo no Congresso, recebeu à noite, na residência oficial da Presidência da República, o presidente do PMDB e da Constituinte, Ulysses Guimarães.

Era a única falha no esquema montado pelo Palácio do Planalto para garantir a vitória do presidente José Sarney: a posição do deputado Ulysses Guimarães — ele comanda cerca de 50 votos na Constituinte — era vista com temor pelo Palácio do Planalto, especialmente depois dos ataques do líder do PFL, José Lourenço, contra o ministro Renato Archer, amigo pessoal do presidnete do PMDB.

Temor

Os assessores do presidente José Sarney temiam que o presidente da Assembléia Nacional Constituinte pudesse abandonar sua posição de aparente neutralidade para assumir postura contrária ao interesse do Governo no que diz respeito ao mandato presidencial.

Isso significaria a derrota do Presidnete da República. Era preciso, portanto, aproximar-se de Ulysses. Se possível, tentar trazê-lo, mais assumidamente, para a tese dos cinco anos. O problema era como fazer essa aproximação, já que o relacionamento entre os dois situava-se, já faz algum tempo, apenas no campo das formalidades.

A oportunidade surgiu no telefonema que o presidente José Sarney deu para a casa do presidente da Câmara, com o objetivo de saber do estado de saúde de Dona Mora, esposa de Ulysses, que se recupera de uma fratura no fêmur.

Foi aí que ele convidou o presidente do PMDB para jantar no Alvorada. Pedira a Ulysses durante a conversa, segundo fonte do Palácio do Planalto, quando menos, que não permita atraso na votação do seu mandato, ao ponto de comprometer sua viagem a Nova Iorque, marcada para o próximo dia cinco.

Aldori Silva

Sant'Anna: vitória certa

O presidente José Sarney, de acordo com seu líder na Câmara, Carlos Sant'Anna, está confiante na vitória, mas não quer correr riscos e "só ficará tranqüilo mesmo depois da votação, que nós esperamos que aconteça no máximo até sexta-feira desta semana".

Carlos Sant'Anna e as demais lideranças do Governo no Congresso Nacional estão encarregados de trazer a Brasília, para a votação do mandato, todos os constituintes que puderem. O líder do Governo na Câmara afirma que "se tivermos, no dia da votação, 559 constituintes, ganharemos com 320 votos".

A reunião com o "conselho político" — participaram 11 ministros de Estado e as lideranças políticas — durou perto de uma hora e trinta minutos. Ao final, ninguém quis falar. Nem mesmo o porta-voz da Presidência da República. **(Celson Franco)**